



Pintura



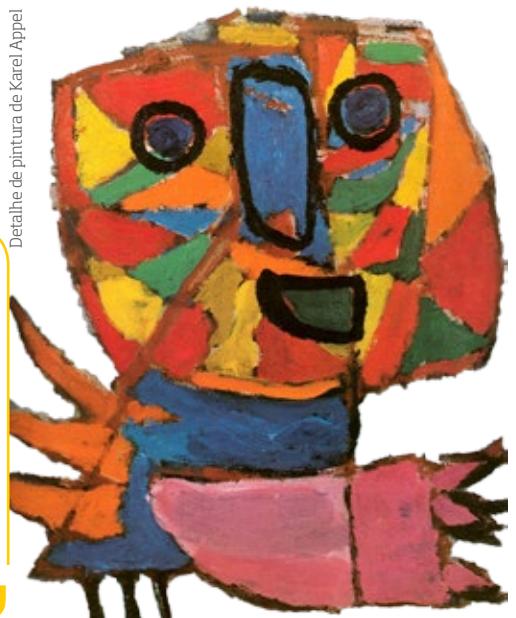
- ✓ Conceitos de pintura
- ✓ As tintas e as cores
- ✓ Os gêneros clássicos da pintura
- ✓ Encontre seu estilo

“

A arte da pintura, que em realidade deveria ser chamada de arte da semelhança, nos permite descrever um pensamento que tem a possibilidade de tornar-se visível.

René Magritte (1898-1967), artista belga

“
Detalhe de pintura de Karel Appel



A pintura

Antes de entrarmos no conceito do que é pintura, convém desmistificar a ideia de que se trata apenas de jogar tinta sobre a tela. A pintura tem vários conceitos, nuances e técnicas e se ramifica em diversos gêneros, como natureza-morta, retrato, paisagem, entre outros.

Na pintura também há importantes pesquisas sobre luz e sombra, volumes, cores, saturação, tons, etc, ao longo dos séculos.

Claro que nosso curso não tem a pretensão de torná-los pintores profissionais. Porém, mesmo no caso de pintores amadores e diletantes, conhecer o básico da teoria pode ajudar a atingir melhores resultados. É exatamente isso que faremos aqui.

Iniciando pela definição geral, dá-se o nome de pintura a técnica de aplicar pigmento a uma superfície. A pigmentação é o processo pelo qual se dá a cor - e esse processo pode ser natural ou artificial. Por exemplo, por que a grama é verde? Do ponto de vista biológico, isso ocorre por con-

ta das granulações microscópicas nos tecidos do organismo (no caso, vegetal), lhe conferindo a coloração verde.

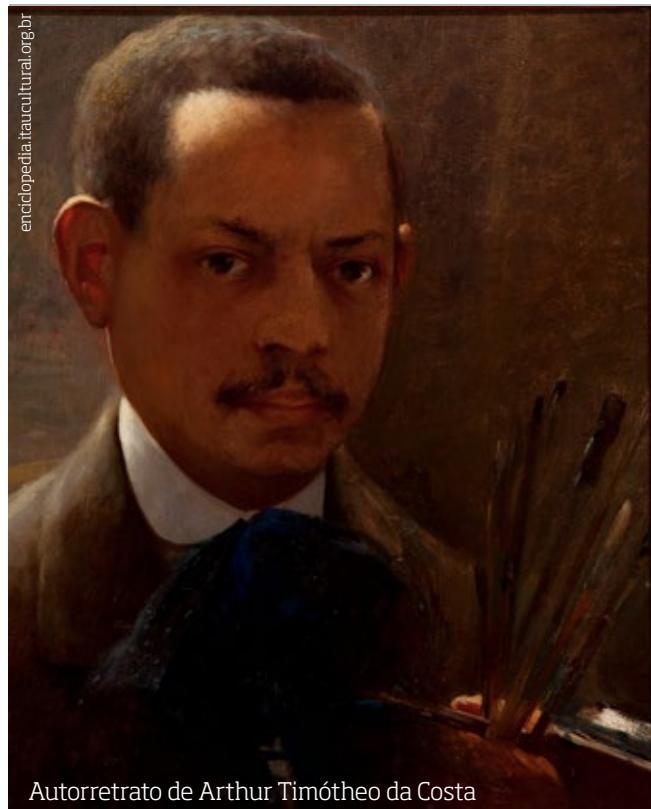
Na pintura, a pigmentação ocorre de forma artificial e pode ser conseguida através das formas líquida, pastosa ou, em alguns casos, por outras técnicas, como pó.

Mas aqui iremos nos ater às formas líquidas e pastosa. As superfícies mais usadas na pintura são o papel, a madeira e a tela, mas também acontecem em paredes e afrescos.



www.ofm.org.br

Tapete de serragem para procissão de Corpus Christis



Autorretrato de Arthur Timótheo da Costa



Fascículo 4

O que se entende por linguagem da pintura não são apenas as imagens que o artista utiliza, mas independentemente de sua função figurativa, também a cor, a luz, a linha, a textura, a transparência, etc. Todos esses elementos participam da linguagem pictórica como outros tantos valores semânticos, integrados portanto na expressão estética; são parte do tecido significativo da obra.

Ferreira Gullar (1930-2016)
poeta e crítico de arte

Mas qual a diferença entre a pintura e o desenho?, você pode perguntar. Para simplificar a questão, a pintura produz sua pigmentação através da forma líquida e no desenho o processo isso geralmente ocorre de forma seca, com o uso de lápis ou giz. Mas você pode retrucar que é possível desenhar com pincéis e tinta nanquim. Sim, é possível, mas o resultado não deixa de ser uma pintura.

Definições à parte, o que pretendemos discutir aqui é que não é preciso ser um pintor tarimbado para realizar uma pintura. A pintura não é território restrito de profissionais que expõem suas obras em galerias de arte. De acordo com a tradição japonesa, para fazer uma grande pintura é preciso três condições: a elevação do espírito, a liberdade do pincel e a concepção das coisas.

Eis o ponto que devemos reforçar: a pintura é veículo pelo qual o artista - seja ele profissional ou amador - expressa seus sentimentos através da pigmentação daquela superfície.



Sumi-e: pintura com tinta sumi (parecida com nanquim), de Lilith Ohan. Note como ela tira partido do pincel mais seco para determinar o corpo do dragão!



Pintura de Jackson Pollock (1912-1956), artista norte americano que criou a técnica do gotejamento, que consiste em derrubar a tinta sobre a tela esticada no chão, em dosagens determinadas por ele.

A pintura não surge do nada. Parte de uma ideia, um conceito, uma interpretação do que vemos, ouvimos e sentimos. Ou, nas palavras do artista norte-americano Jackson Pollock (1912-1956):

“Cada início sugere alguma coisa. E quando eu percebo a sugestão, começo a pintar, intuitivamente. A sugestão torna-se então um fantasma que é preciso captar e tornar real. É durante o trabalho, ou mesmo quando a pintura está terminada, que o tema se revela.”



Derrubando barreiras

Existem, claro, técnicas para melhorar o resultado de uma pintura - e estas podem ser obtidas através de cursos (daremos algumas dicas a seguir). Mas para o pintor iniciante existe um obstáculo a ultrapassar antes: a inibição. Ao se sentirem intimidados por obras usadas como referência, muitos desistem antes mesmo de começar. Quando isso ocorre, muitos esquecem de que até os artistas mais renomados tiveram de realizar inúmeras tentativas e experiências até conseguirem chegar num resultado que lhes agradasse.

É essa busca que devemos estimular dentro da escola. A arte e a pintura podem ser veículos para o aluno expressar suas ideias e interpretações sobre o mundo.

Em alguns casos, a arte pode ser o caminho para sua libertação de certos modelos impostos pela sociedade. Muitos artistas usam a arte como meio de questionar, confrontar ou até mesmo transgredir certos sistemas de pensamento. É essa urgência em se expressar que é usada como combustível.

Resumindo, o artista produz o que ele vê à sua volta. Oferece a sua interpretação pessoal de forma pictórica, para que o público a reinterprete. E aqui chegamos ao segundo obstáculo para a grande maioria dos artistas: a crítica.



O viajante, pintura de Adébayo Bolaji, artista afro-britânico.

“

*Que as técnicas de adaptem à nossa própria natureza.
Só assim os sonhos se convertem em matéria na obra do artista.*

Mário Cravo Jr. (1923-2018), artista brasileiro

”

Resumindo, o artista produz o que ele vê à sua volta. Oferece a sua interpretação pessoal de forma pictórica, para que o público a reinterprete. E aqui chegamos ao segundo obstáculo para a grande maioria dos artistas: a crítica.

Críticas sempre irão existir e é bom que continue assim, pois não apenas preservam a liberdade de expressão, como também possibilitam ao artista conhecer a visão de quem se propôs analisar sua obra. Existem críticas de todos os tipos, mas vamos nos ater a duas em especial.

A crítica especializada se restringe aos artistas profissionais, pois analisa aspectos técnicos e conceituais da obra. Já a crítica leiga é basicamente a visão da opinião pública. Importante ressaltar que crítica, nesse contexto, significa análise. Portanto críticas podem ser favoráveis ou negativas. Acontece que muitos artistas amadores não lidam bem com reações negativas, e muitos acabam sendo desencorajados antes mesmo de desenvolver seu potencial.



É claro que se a arte for encarada como mero exercício criativo e sem grandes ambições estéticas, e sem intenção de torná-la de conhecimento público, estará isenta de crítica. Mas como vivemos em tempos de hiperconectividade, se o artista diletante postar sua produção em suas redes sociais, deve sempre estar preparado para críticas - e, na conjuntura atual, também para a falta de curtidas em redes sociais.

Do ponto de vista pedagógico, a pintura pode

ser estimulada para além das atividades extracurriculares. Exposições são sempre uma boa forma de promover a produção artística em sala de aula. Sarau literários - como os promovidos pelo IBS - também são ótimas oportunidades de conectar artes gráficas e literatura. Essas e outras iniciativas ajudam a aguçar a capacidade cognitiva, criativa e interpretativa das crianças, proporcionando-lhes um ambiente de diversidade de cores, abordagens e visões de mundo.



Sob a laranjeira e *Mulher à penteadeira*, duas pinturas de Berthe Morisot, artista francesa representante do movimento impressionista que, por seu experimentalismo desvinculado do ensino de arte oficial, foi tido pelos críticos como uma aberração, como veremos adiante. Hoje em dia, o valor artístico dessas obras é plenamente reconhecido.

A cor

Não tem como falarmos de pintura se não falarmos de cor. Como sabemos, a pintura trabalha essencialmente com cores que, combinadas, irão gerar o resultado final da arte. Mas como podemos definir a cor?

Segundo o dicionário, cor é a impressão que a

luz refletida pelos corpos produz nos olhos. Ou seja, nossos olhos enxergam o verde da grama e o azul do céu. A paleta básica de cores que nossos olhos veem, a princípio, é limitada em sete: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta.



A brasileira Amélia Toledo (1926-2017) utilizava e explorava ao máximo a cor como tema em suas obras.



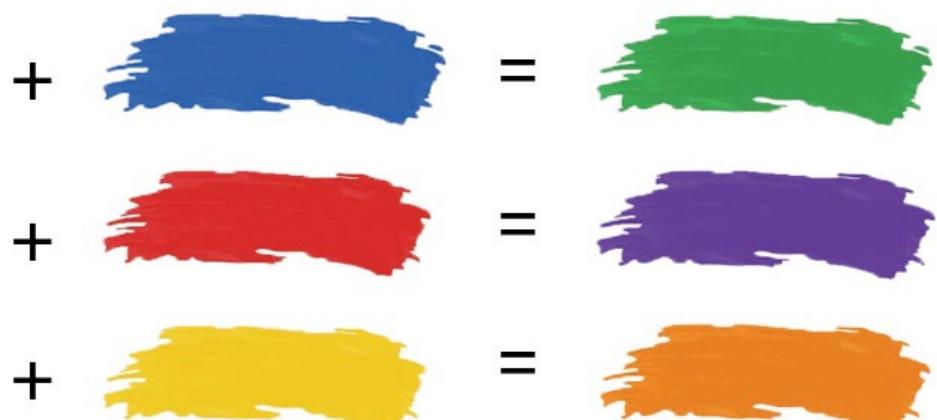
Porém, existem inúmeras graduações entre essas cores, formando uma paleta infinita, com possibilidades que não se pode mensurar em números. O que podemos definir é que a cor branca é a soma dessas sete cores. O branco representa "a luz total", por isso quando exposto ao sol, ele rebate/reflete a luz de volta.

Já a cor preta, ao contrário, é a inexistência de cor e, portanto, também é a ausência de luz. Assim sendo, quando exposta ao sol, ela absorve sua luz e produz aquecimento. A regra vale para todas as superfícies. Por exemplo, se você sair na rua sob sol forte, sentirá menos calor se estiver roupas brancas e sentirá mais calor se estiver vestindo roupas pretas.

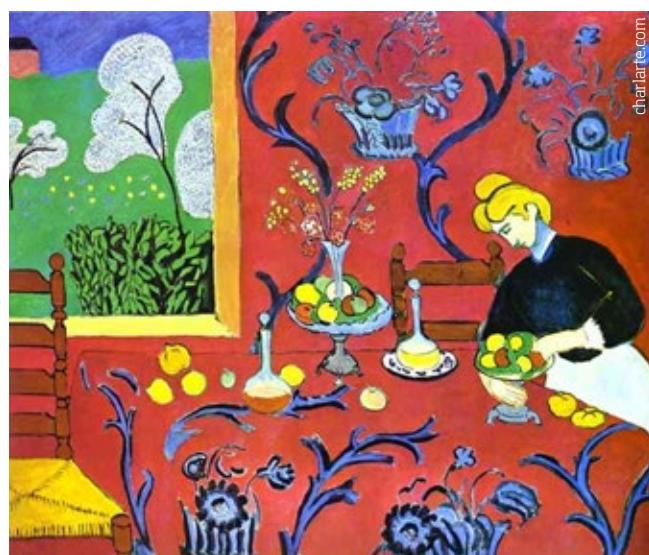
VOCÊ SABIA?

As placas de energia solar são escuras porque, dessa forma, absorvem com mais eficiência a luz solar para esquentar a água do nosso banho, por exemplo!

CORES PRIMÁRIAS



CORES SECUNDÁRIAS



Duas pinturas de um mestre das cores, o francês Henri Matisse (1869-1954). Seu uso da cor preta na pintura com o mesmo grau de importância destinado à outras cores da paleta surpreendeu seus contemporâneos.



Para o nosso caso aqui, no que se refere a pintura, o principal é saber fazer um uso inteligente das cores, sabendo combiná-las de modo que agrade ao artista, para que ele se sinta satisfeito e encorajado a mostrar sua obra a outras pessoas.

Mas quais combinações usar? Depende do que você estiver pintando. Por exemplo, se você estiver pintando pássaros voando no céu, já pode começar pelo azul. E pode manter esse azul por toda a tela, mas sua pintura ficará

muito mais rica se adicionarmos algumas cores a mais nessa mistura.

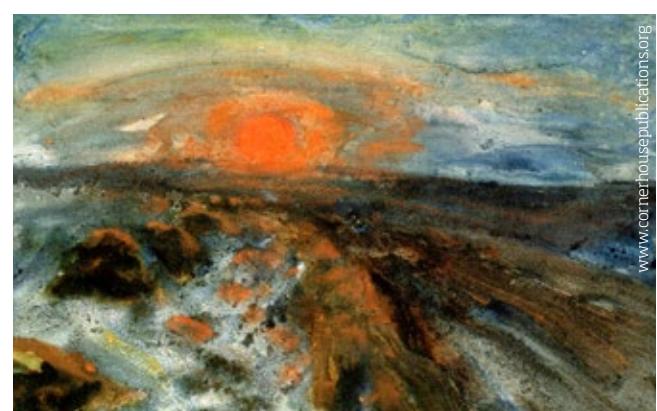
Se olharmos para cima agora, veremos que o céu não é composto por apenas um tom de azul. Mesmo num dia de sol, veremos diversas graduações de azul. Num pôr-do-sol, poderemos ver diversos tons rosados e alaranjados, e depois que o sol se põe, é possível ver tons de anil e azuis mais escuros. É essa observação e as tentativas de encontrar esses tons que tornam uma pintura mais rica e interessante.



Wikipedia

Acima: veja quantas cores o artista britânico William Turner (1775-1851) usou para representar o céu nessa pintura intitulada *Chuva, vapor e velocidade: a grande ferrovia do oeste*. Abaixo: detalhe da paisagem do alemão Emil Nolde (1867-1956).

Mas como achar esses tons? Bom, se tiver usando tinta - seja óleo, acrílica, guache ou aquarela - só há um caminho: a mistura prévia dessas cores antes de levá-la à tela. Se o céu estiver claro, você precisará adicionar o branco ao seu azul (talvez um pouco de amarelo, mas bem pouco, para não esverdear demais). Se quiser fazer um céu mais do fim da tarde, terá de usar o anil e uma infinidade de cores para reproduzir toda aquela variedade de tons e semi-tones.



www.cornerhousepublications.org



Fascículo 4

Escalas digitais de cor

Nas artes digitais, as cores são organizadas em uma infinidade de escalas. Não falaremos de todas elas aqui, mas como vivemos na Era Digital, é importante conhecer as duas escalas mais usadas, até para efeitos de reprodução de nossas artes em sites e redes sociais. Vamos a elas:

- RGB: Red (vermelho), Green (verde) e Blue (azul)
- CMYK: Ciano (azul), Magenta (rosa), Yellow (amarelo) e Black (preto)

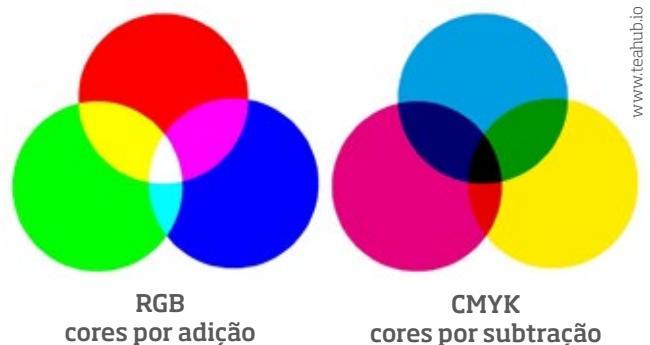
A diferença básica entre as duas escalas está na forma de aplicação. Nas artes publicadas na internet, para serem vistas através da tela de computadores e celulares, a escala usada é o RGB. Se a arte for publicada em catálogos impressos ou gravuras, a escala usada é o CMYK.

No caso da foto de uma pintura que você tirou de seu celular quando visitou o museu e publicou em sua rede social, essa foto está publicada em RGB. E vale lembrar que isso não é a pintura em si, mas sim uma reprodução fotográfica da

pintura, portanto, com considerável perda de qualidade e sem revelar todas suas tonalidades e texturas.

Porém, os quadros que vemos impressos em livros de arte são reproduções muito mais fiéis das pinturas, em fotos tiradas com altíssima qualidade e que receberam tratamento especial antes de ir para o prelo. Nesse caso, a escala usada é a CMYK.

Convém lembrar que nem mesmo todo esse cuidado é capaz de reproduzir a pintura em sua totalidade. Nenhuma reprodução, por melhor que seja, se compara à arte real.



Gêneros na pintura

Chamamos de gêneros na pintura as temáticas mais tradicionais que foram surgindo e se estabelecendo ao longo da história da arte e que também se estenderam para outras técnicas além da pintura.

Os gêneros na pintura são:

- ✓ Retrato e autorretrato;
- ✓ Paisagem;
- ✓ Natureza-morta;
- ✓ Pintura de Gênero ou cenas do cotidiano;
- ✓ Pintura histórica;
- ✓ Temas Mitológicos;
- ✓ Temas Religiosos.

Pintura de gênero é algo distinto de gênero de pintura. A pintura de gênero é um gênero de pintura que surgiu na pintura holandesa do século XVII, representando cenas da vida cotidiana, do

mundo do trabalho e dos espaços domésticos, ou seja, a partir daquele momento, tornou-se um gênero tradicional na pintura.

Nesse curso, abordaremos mais detidamente os gêneros natureza-morta, retrato, paisagem e, além dos tradicionais, a pintura abstrata!



Pintura de gênero de Johannes Vermeer (1632-1675)



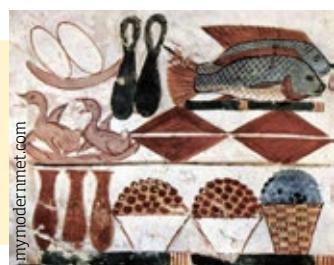
Natureza-Morta

Natureza-Morta é um gênero de pintura surgido na Antiguidade, que se caracteriza por representar uma composição de objetos inanimados (sem vida), mais comumente representados por mesas com alimentos e bebidas, louças, flores, frutas, instrumentos musicais, livros, animais mortos, ferramentas, cachimbo, tabaco, etc, todos referidos ao âmbito privado e à esfera doméstica.

Para artistas iniciantes, costuma ser um ótimo veículo para estudos de cores, texturas e também de luz e sombra.

O termo “natureza-morta” é derivado da palavra holandesa *stilleven*, que ganhou destaque durante o século XVI. Embora tenha sido nessa época que a natureza-morta ganhou reconhecimento como gênero, suas raízes remontam ao Antigo Egito.

As primeiras pinturas de natureza morta conhecidas foram criadas pelos egípcios no século 15 a.C. Pinturas funerárias de alimentos - incluindo safras, peixes e carne - foram descobertas em necrópoles antigas. A mais famosa natureza morta desse período foi descoberta na Tumba de Menna, um local cujas paredes foram adornadas com cenas excepcionalmente detalhadas da vida cotidiana, como já vimos em visita virtual.



Os antigos gregos e romanos também criaram representações semelhantes de objetos inanimados. Embora reservassem o tema da natureza-morta principalmente para os mosaicos, também o empregavam em afrescos, como nessa pintura mural do século I em Pompeia, Itália.

Durante a Idade Média, os artistas adaptaram a natureza-morta às iluminuras, incorporando arranjos simbólicos em ornamentações de letras capitulares e cercaduras de livros religiosos e laicos.



Artistas da Renascença Flamenca popularizaram a iconografia da natureza morta com suas pinturas de arranjos florais no início do século XVII, quando ficaram cada vez mais interessados na recriação naturalista de itens do cotidiano.

A natureza morta continuou popular em muitos movimentos da arte moderna. Sua grande estreia na modernidade aconteceu durante o período pós-impressionista, quando Vincent van Gogh adotou vasos de flores como tema e Cézanne pintou uma famosa série de naturezas-mortas com maçãs, garrafas de vinho e jarros de água apoiados em mesas. Os mestres cubistas Pablo Picasso e Georges Braque (ao lado) também prestigiam os objetos do cotidiano em suas obras.



Hoje, muitos artistas dão um toque contemporâneo à essa tradição atemporal, pintando naturezas mortas de formas variadas e renovando o gênero, como nessa pintura da artista brasileira Mira Schendel (1919-1988), por exemplo.



Retrato e autorretrato

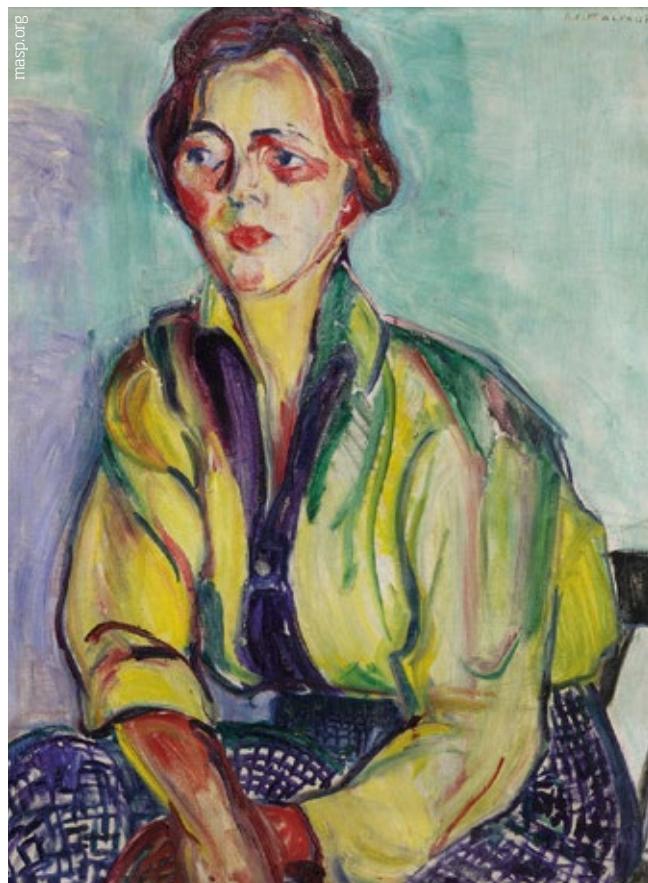
O retrato é o gênero na pintura no qual a intenção é descrever a figura humana, buscando revelar sua expressão e personalidade. Por essa razão, o retrato também é um gênero da fotografia.

Antigamente os retratos eram mais focados na nobreza mas, com o tempo, foi se diversificando. Hoje, é costume em democracias pelo mundo o governante ter seu retrato exposto em gabinetes, seja por meio de pintura ou fotografia.

A chave para um bom retrato é desvendar a pessoa através do olhar. É o olhar que revela quem a pessoa de fato é. Uma definição muito conhecida veio do autor e artista Gordon C. Aymar, que afirmou que “os olhos são o lugar em que se busca a informação mais completa, confiável e pertinente”. Para entender a complexidade de tal conceito, um bom começo pode ser observar o olhar da Monalisa, a mais notável e conhecida obra do artista renascentista Leonardo da Vinci.



Mona Lisa, de Leonardo Da Vinci. [Clique aqui](#) para saber um pouco mais sobre o artista e a obra!



À esquerda: *Autorretrato com trança*, obra da artista mexicana Frida Kahlo, sempre com denso teor psicológico. À direita: *A estudante*, pintura da artista brasileira Anita Malfatti, no auge de sua fase expressionista.



“Quando conhecer realmente sua alma, pintarei seus olhos”

Frase atribuída ao artista modernista italiano Amadeo Modigliani, conhecido por seus retratos de longos pescoços e olhos vazados.



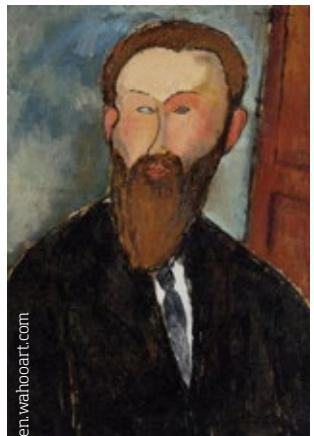
WikArt



Pinterest



Pinterest



en.wahooart.com

Pinturas de Modigliani, da esquerda para a direita: *Autorretrato*; *Retrato de mulher*; *Retrato de uma jovem*; *Retrato do fotógrafo Dilewski*.

Paisagem

A pintura de paisagem é a arte que representa as cenas da natureza, privilegiando visões amplas e planos mais abertos. Nela, as figuras mais representadas são montanhas, rios, árvores, florestas e vales.

Com o passar do tempo, o cenário urbano também foi ganhando importância, tornando-se tema de paisagens também.

Nesse gênero, vale destacar aqui o movimento impressionista, que surgiu na França do século XIX, a chamada *Belle Époque*. O nome do movimento é derivado da obra “Impressão: nascer do sol” (1872), de Claude Monet e representa o rompimento das regras acadêmicas vigentes até então.

No impressionismo o “ver” assume outro sentido. As formas não são - e nem precisam ser - bem definidas. Em vez da definição das linhas e formas, opta-se pela sugestão, a impressão de estar vendo determinada forma sob uma determinada luz.

Um dos desafios propostos pelos impressionistas era o de pintar paisagens ao ar livre. O trabalho não poderia demorar muito pois a luz se altera durante a pintura, ou uma nuvem poderia surgir e alterar a paisagem. Portanto, em vez de se apegar a detalhes da paisagem, a ordem é

deixar as linhas sugeridas, apenas na impressão. Você pode [clicar aqui](#) para conhecer um pouco mais sobre o Impressionismo.



Acima: pintura de Eliseu Visconti, sob influência impressionista. Abaixo: técnica mista do alemão Anselm Kiefer.





Outra paisagem do artista contemporâneo alemão Anselm Kiefer, que se utiliza do gênero para aludir a temas como a destruição, a morte, a decadência e o Holocausto.

Arte abstrata

A pintura abstrata, também conhecida como abstracionismo, é uma forma de arte que não representa objetos próprios da nossa realidade concreta exterior. Cores, linhas e superfícies compõem a obra de uma maneira que não representem nada especificamente, mas que, ao mesmo, nos instiga a buscar interpretações, que podem ser diversas de acordo com o temperamento de quem vê.

A pintura abstrata pode ser solta e livre, abusando do gestual, do volume da tinta e das pineladas, ou pode ser mais rígida, como na abstração geométrica, por exemplo, onde formas geométricas exatas e meticulosamente medidas determinam a composição.

ANOTE AÍ

“Uma pintura pode ser não figurativa, e assim mesmo ser de grande valor, mesmo num sentido puramente pictórico.”

Louise Bourgeois (1911-2010)



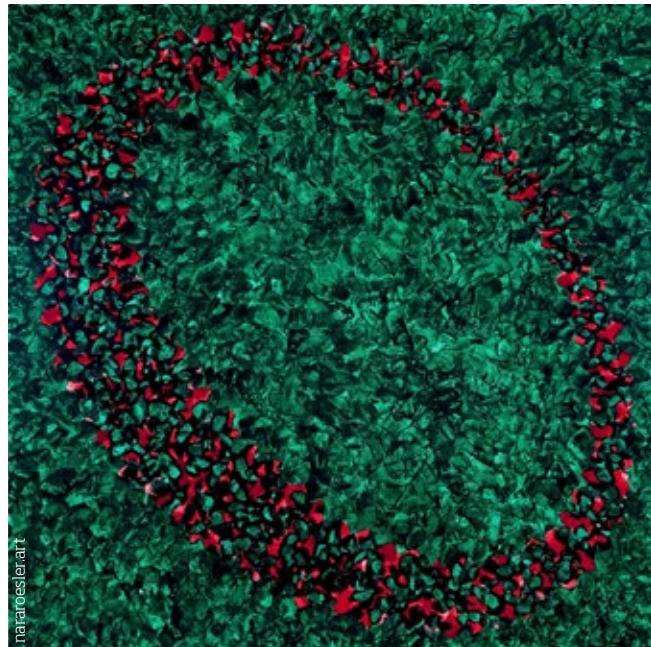


Pintura em guache sobre cartão da artista concretista Judith Lauand. Ao lado, a artista faz estudo para pintura, com lápis de cor.

Abrindo mão de narrativas, a pintura abstrata concentra-se nos aspectos puramente visuais da obra. São essas características que podem despertar alguma emoção no observador, nem que seja um sentimento de prazer visual. Portanto, a composição é muito importante. A obra deve ter equilíbrio e harmonia entre formas e cores.

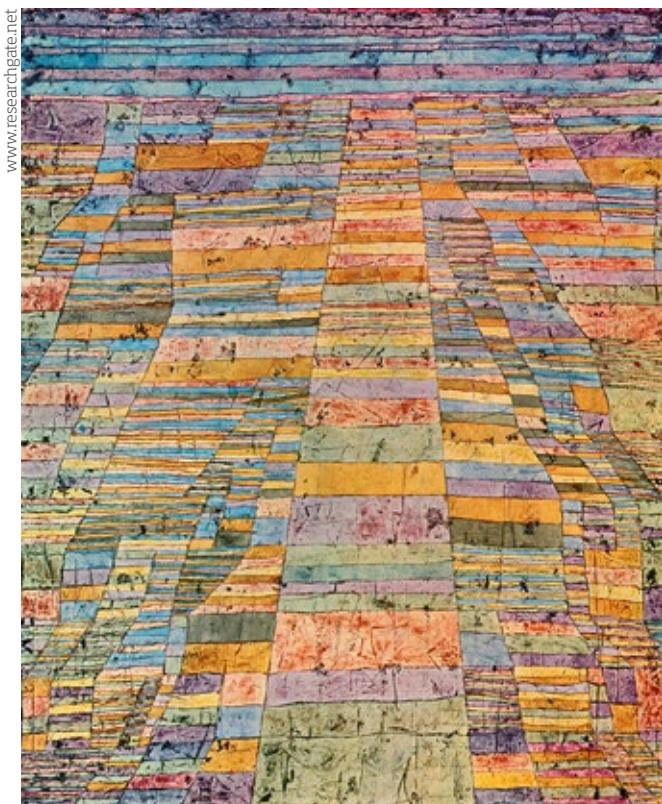
Você tem interesse por texturas? Lance mão desse recurso, misturando areia na tinta, usando um suporte com mais textura, ou simplesmente simulando texturas com tinta e pinceladas.

Você tem interesse pela cor? Explore as possibilidades da cor, suas transparências e densidades, sua saturação ou sua suavidade. Os contrastes ou os degradês.



Você se interessa por formas? Crie composições com as formas que mais lhe agradem, sem se preocupar em como serão recebidas ou se vão significar algo.

Você gosta da marca do pincel ou prefere uma pintura lisinha? Você também pode escolher a maneira como usa o pincel, com mais ou menos tinta, mais seco ou mais carregado, deixando marcas ou não.



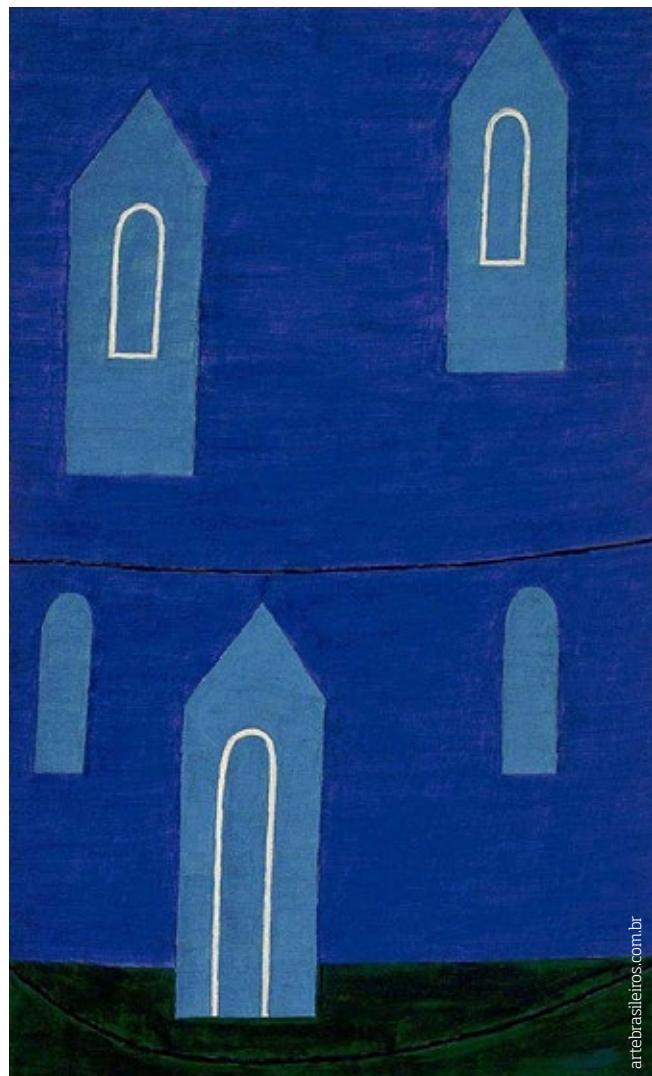
Acima: pintura do alemão Paul Klee (1879-1940).
Ao lado: pintura repleta de cores e texturas da artista nipobrasileira Tomie Ohtake (1913-2015).

Encontrando seu estilo

Um artista é, antes de tudo, uma pessoa em eterna busca. Seja a busca por uma voz, seja por uma liberdade de expressão, seja por uma ambição estética. Mas a maior de todas as buscas é a busca pelo estilo próprio. E convém lembrar desde já: essa busca dura muito tempo. Às vezes anos, às vezes décadas.

No começo dessa jornada, é natural que busquemos nos inspirar em outros artistas que nos servem de referência. O fato de essa fase ser a que tentamos nos basear no estilo de outro artista não a torna menos importante. Ao contrário, é uma fase essencial, de pleno estudo e observação, que nos levará a um amadurecimento de conceitos, de treino e aprendizado.

Passada essa fase inicial, aí sim, o artista esta-

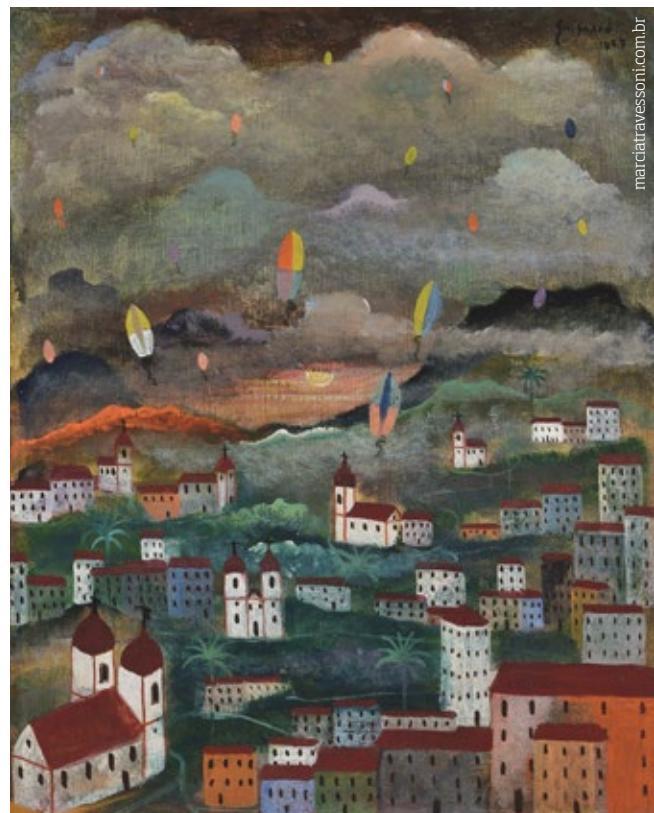


Pintura de Alfredo Volpi (1896-1988).

rá pronto para encontrar seu próprio estilo e sua própria forma de apresentar suas ideias. Por isso que, quanto mais variada a gama de referências, maior será o campo de visão, e mais fácil será de encontrar novos caminhos.

Importante acrescentar que essa busca nunca resulta numa grande resposta. A busca é eterna, porque é ela que mantém o artista vivo e inquieto. Esse conceito pode parecer conflitante, e é mesmo, porque muitas das obras mais cultuadas nasceram justamente do conflito, da inquietude e dessa busca que nunca nos leva a um destino final.

[Clique aqui](#) para assistir os comentários da curadora Denise Mattar sobre a obra do artista ítalo-brasileiro Alfredo Volpi



Pintura de Alberto da Veiga Guignard (1896-1962).

Dois artistas com temática parecida mas com estilos completamente diferentes. Até mesmo as tintas usadas são diferentes: Volpi ficou conhecido por trabalhar com têmpera, tinta a base d'água, e Guignard, com tinta a óleo.



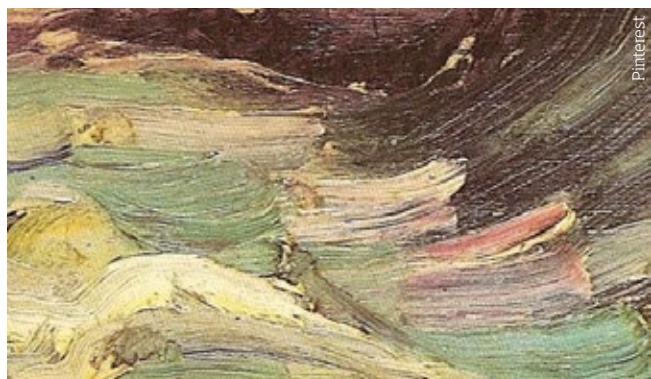
Técnicas de pintura

Existem diversas formas e técnicas de usar a tinta ao iniciar uma pintura. Supondo que você queira usar tinta acrílica sobre o papel, existem diferentes formas de utilizar a acrílica, pois trata-se de uma tinta plástica e, portanto, muito versátil.



Pintura de Renata Franca com tinta acrílica para ilustração do livro *Tatu Lelé*, disponível no acervo IBS.

É possível usar as tintas acrílica ou guache misturando-as com água, tornando o resultado de sua pintura mais aguada, próxima de uma aquarela. Também pode-se usar as tintas em sua forma pastosa, carregando bastante na quantidade e obtendo um resultado completamente diferente. Se utilizar a tinta pastosa com o pincel mais seco, o resultado também será outro. Na pintura a guache de Norma Mobilon, ao lado, vemos a aplicação da tinta aguada, pastosa e, em alguns momentos, com pincel mais seco.



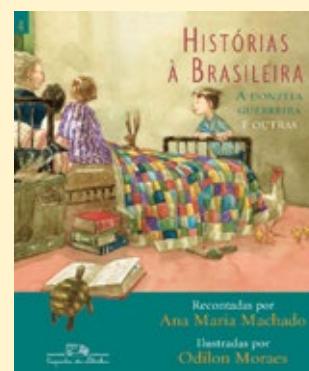
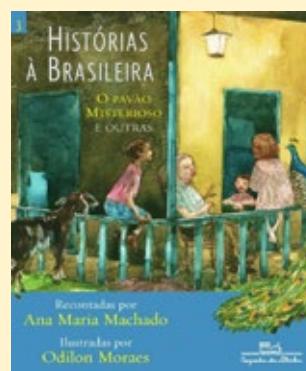
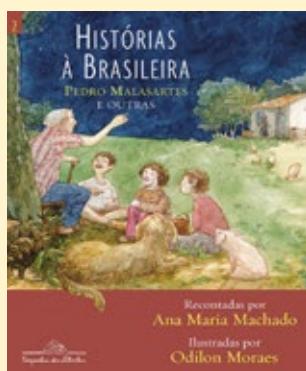
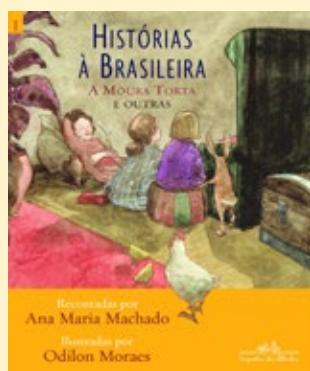
Ao lado e acima, o pincel deixa suas marcas na tinta a óleo pastosa da pintura de Anita Malfatti (1889-1964)



“
Muitos mestres evitaram fazer sentir a pincelada, pensando sem dúvida em aproximar-se da natureza, que efetivamente não a apresenta. A pincelada é um meio como qualquer outro de restituir o pensamento na pintura.

Eugène Delacroix (1798-1863)
pintor francês

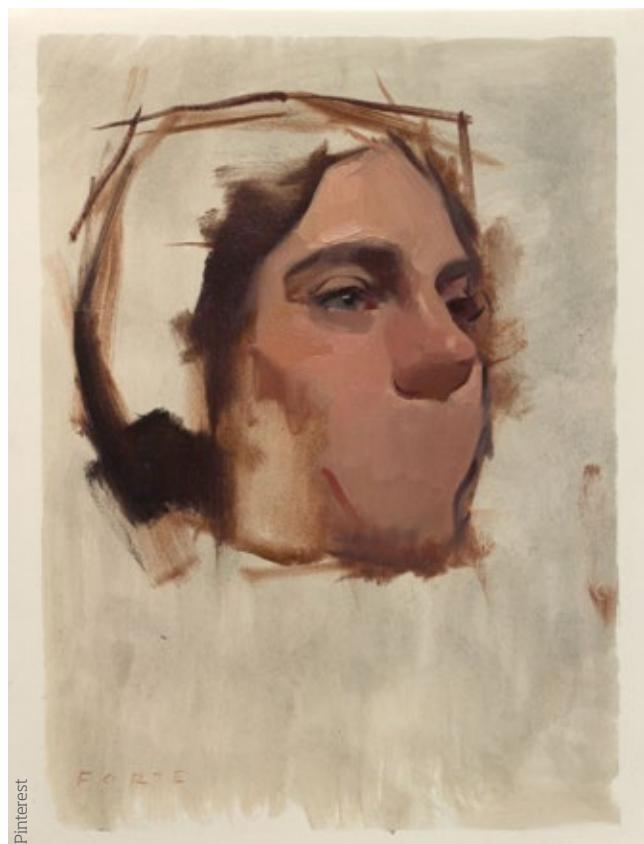
No caso da aquarela, propriamente dita, a melhor forma de iniciar é sempre pelos tons mais claros e aguados, para ir entrando gradativamente com tons mais saturados. A série de livros “Histórias à brasileira”, disponível no acervo IBS para todas as escolas, tem ilustrações em aquarela feitas pelo artista Odilon Moraes.



Outra técnica que devemos destacar é a sobreposição das cores. Experimente pintar uma tela numa cor mais neutra que lhe servirá de base. Todas as cores que você adicionar por cima ainda revelarão a cor que você usou de base. A diferença entre pinceladas mais suaves e mais carregadas vai conferir uma maior diversidade de tons ao trabalho.

Por exemplo, se você quer pintar um retrato, experimente fazer uma base laranja-claro. A partir dela você vai adicionando as áreas de luz com tons mais claro e com branco nas áreas de maior luminosidade. E nas áreas de sombra você vai adicionando tons mais escuros e carregados.

Ao lado: retrato em processo de pintura da artista norte-americana Felicia Forte. Observe como ela constrói o retrato aos poucos, marcando inicialmente o desenho e gradativamente cobrindo com camadas de tinta!





O passeio, pintura do impressionista francês Claude Monet (1840-1926).

Já vimos nesse fascículo sobre a técnica impressionista, que pode ser outra forma interessante de pintar, mas para encarar esse desafio, é imprescindível que se perca a vergonha de tentar e o medo de errar.

Você pode conhecer a técnica impressionista [clicando aqui](#) para observar a demonstração do artista Luiz Sólha, que gravou o vídeo por ocasião da exposição "O Impressionismo e o Brasil", que esteve em cartaz em 2017 no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Falando em erro, cabe a pergunta: existe erro na arte? Ou por outra: existe o acerto? O que é certo e errado na arte? O que pode parecer errado para você, para mim pode ser apenas uma interpretação pictórica. O suposto defeito é apenas uma forma diferente, e mesmo deixando a impressão de estar disforme, ela produz uma graça, um brilho próprio.



Detalhe da pintura do artista contemporâneo Wilhelm Sasnal, na qual as marcas das pinceladas fazem parte da composição.



Pintura mural

Os murais são pinturas em grande escala executadas diretamente nas paredes, tetos ou outras superfícies planas, convexas ou côncavas tipicamente grandes. São a forma de arte humana mais antiga, como sugerem as pinturas rupestres que podem ser encontradas em diversas localidades, como vimos no curso de Introdução à Arte.

O propósito dos murais varia conforme a cultura e o período histórico. Por exemplo, no Tibete, as pinturas murais são criadas para complementar práticas budistas meditativas e reflexivas. Durante o Período Barroco, ricos patronos da arte e da realeza encomendavam pinturas murais bíblicas e alegóricas para adornar tetos e paredes em suas luxuosas casas e palácios.

Ao longo da história, a arte mural foi realizada em espaços internos e externos de palácios, templos, tumbas, museus, bibliotecas, igrejas e outros edifícios públicos e privados.



Mural tibetano do século XV



Acima: detalhe do mural *Epopéia do povo mexicano*, de Diego Rivera (1886-1957).

Abaixo: *As pessoas para a universidade, a universidade para as pessoas*, mural esculpido e pintado por David Siqueiros (1896-1974).



O movimento muralista mexicano, na década de 1930, trouxe nova relevância aos murais como ferramenta de educação social e política. Diego Rivera, José Orozco e David Siqueiros foram os artistas mais famosos desse movimento. As temáticas traziam o empoderamento do trabalhador e a valorização da cultura e das tradições dos povos originários pré-colombianos, expressos numa estética modernista já assimilada.

Assim como na Idade Média as imagens visavam a formação moral do cidadão, no muralismo mexicano, o imaginário remete às conquistas proletárias, exaltando o poder do povo. A pintura de cavalete era considerada símbolo da arte burguesa. Portanto, a estratégia era a arte nas ruas, expostas a todos os cidadãos. pintores mexicanos empenhados em se comunicar objetivamente com o seu povo. Diferentemente do graffiti, expressão mais contemporânea, o muralismo mexicano foi patrocinado pelo governo.



O graffiti nasceu da manifestação artística marginal, ou seja, não autorizada pelas instituições, embora hoje tenha conquistado o público, a crítica e as organizações governamentais, podendo se beneficiar de patrocínios oficiais.

Seu caráter público e democrático possibilita o acesso à arte aos moradores das periferias das grandes cidades, apesar de ainda ser visto com preconceito por determinadas parcelas da sociedade.

Para o Instituto Brasil Solidário, a pintura mural é considerada um complemento dos ambientes de aprendizagem, criada e executada para trazer ao espaço escolar mais ludicidade e acolhimento.

Os murais, concebidos e realizados coletivamente, são elaborados conceitualmente para responder às demandas pedagógicas para estimular a leitura, o cuidado com o meio ambiente e a saúde preventiva, entre outros, além de fontes de aprendizagem prática de pintura.



Pintura mural de Rociana Barreto para biblioteca escolar em São Luis do Maranhão

Importante notar que uma boa pintura mural sempre levará em conta o diálogo com o entorno, seja ele natural ou arquitetônico, permitindo que a obra se torne um artefato estético, social e, o mais importante, cultural.



notícias.uol.com.br



Acima: graffiti de Banksy, um artista misterioso que faz intervenções murais que questionam o sistema vigente. "Parking" significa "estacionamento", em inglês.

Ao lado: graffiti de Cajú Artsffiti, artista pernambucano, que prestou sua homenagem à Marielle Franco, vereadora carioca assassinada em 2018, em uma rua de Recife.



Fascículo 4

Referências bibliográficas



GOODING, Mel. *Arte abstrata*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

GULLAR, Ferreira. *Argumentação contra a morte da arte*. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

MORAIS, Frederico. *Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciiano, 1991.

Referências na Internet

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br>>. Acesso em: 14 dez de 2020.

FERROSO, José. *O muralismo mexicano*. Disponível em: <<http://boletim-lanterna.blogspot.com/2013/10/o-muralismo-mexicano.html>> . Acesso em: 17/03/2021.

JONSSON, Eric. *A brief history of murals and mural painting*. Disponível em: <[www.jonssonsworld.com/A Brief History of Murals and Mural Painting.html#anchor_418](http://www.jonssonsworld.com/A_Brief_History_of_Murals_and_Mural_Painting.html#anchor_418)> . Acesso em: 17/03/2021.

RICHMAN-ABDOU, Kelly. *How artists have kept still life painting alive over thousands of years*. My modern MET. Disponível em: <<https://mymodernmet.com/what-is-still-life-painting-definition/>> . Acesso em: 11/03/2021.

SIGNIFICADOS. *Significado de cor*. Disponível em: <www.significados.com.br/cor/> . Acesso em: 11 dez de 2020.

WIKIART. Encyclopédia de Artes Visuais.

Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt>>

WIKIPEDIA. *A encyclopédia livre*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org>> .



Arquivo IES

Agradecimentos



Carmélia Menezes

Diogo Salles

Gabriela Martins

Norma Mobilon

Rociana Barreto Cavalcante

Taciâne Motta Marconato

Zenaide Campos Farias



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados

